

“VENHA VER O PÔR DO SOL”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES, E O ESPAÇO FICCIONAL: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE VOLTADA PARA OS ESTUDANTES DE LETRAS

Daniele Aparecida Pereira ZARATIN¹
Doutoranda em Letras/Mackenzie-SP²

RESUMO

Este artigo ancora-se em dois objetivos centrais: 1) ressaltar a importância da análise literária na formação do graduando de Letras, já que, segundo a nossa percepção, esse exercício reflexivo contribui para a ampliação do repertório crítico-intelectual do aluno e 2) lançar luz sobre uma categoria narrativa que é relegada, de modo geral, ao segundo plano durante as aulas de literatura: o espaço ficcional. Para tanto, utilizamos como *corpus* de análise o conto “Venha ver o pôr do sol” (1970), de Lygia Fagundes Telles, narrativa que apresenta um exímio trabalho com a linguagem ao construir o espaço ficcional plurissignificativo. Como público-alvo desta proposta, pensamos no graduando de Letras que esteja cursando o primeiro ou segundo semestre da disciplina de “Introdução aos estudos literários” ou “Teoria da literatura”. Esperamos, com isso, ampliar o leque de debates sobre o estudo do espaço ficcional, cuja finalidade é contribuir para a desmistificação da ideia de que esta categoria narrativa funciona somente como elemento “acessório” dentro do texto literário ficcional.

Palavras-chave: Literatura. Espaço Ficcional. Letras.

Introdução

Ainda que possa não parecer, promover o ensino reflexivo sobre as obras literárias no curso de Letras é um grande desafio, pois se privilegia, na maior parte das vezes, a paráfrase do texto e as questões linguísticas que se pode extrair dele em detrimento de sua análise e interpretação. Muito por causa do breve tempo de curso e do longo programa de conteúdos a ser desenvolvido, os professores se veem obrigados, para viabilizar o processo de ensino, e não de aprendizagem necessariamente, a reproduzir extensas listas de escolas literárias e suas características basilares, assim como incontáveis resumos de enredos de obras que representariam determinada escola ou movimento literário. Isso acaba fazendo, infelizmente, com que o estudo da obra literária em sua especificidade fique em segundo plano, o que contribui para ampliar ainda mais o abismo entre a fruição estética proporcionada pela literatura e a sua significação no e do mundo, conforme destaca Miguel Sanches Neto (2013, p. 92): “[...] mesmo lendo os autores consagrados, ele [o graduando de Letras] ainda

¹ Endereço eletrônico: daniele_zaratin@yahoo.com.br

² Bolsista CAPES.

continuará afastado da literatura, porque não vai ler os livros como literatura, com as suas especificidades formadoras, mas para atender a uma mecânica crítica que precisa desse material para se sustentar”.

Esse quadro se agrava ainda mais quando pensamos no estudo das categorias narrativas, que são contempladas segundo uma hierarquização que privilegia mais enfaticamente a análise aprofundada das personagens e do foco narrativo, por exemplo, em detrimento do espaço ficcional. No entanto, sabemos que, para se apreender de maneira mais crítica e abrangente o cerne de uma obra literária, é preciso abandonar essa prática reducionista e considerar o material literário no todo de sua complexidade, privilegiando igualmente o espaço ficcional, afinal: “O lugar das acções não é somente as descrições da paisagem ou do fundo decorativo. Todo o ‘*continuum*’ espacial do texto, no qual é reproduzido o objecto, se ordena segundo um certo plano (LOTMAN, 1978, p. 375).

Por isso, pensando num público-alvo que esteja cursando o primeiro ou o segundo semestre de Letras, propomos este artigo, que tem como objetivo promover e aprofundar reflexões literárias suscitadas a partir da análise da construção do espaço ficcional no conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles.

Ao tratar do graduando do curso de Letras, as Diretrizes Curriculares afirmam que os profissionais egressos dessa área devem ser “interculturalmente competentes, capazes de lidar de forma crítica com as linguagens, especialmente a verbal, nos contextos oral e escrito, e conscientes de sua inserção na sociedade e das relações com o outro” (DCN, 2001, p. 29). Por essa perspectiva, a nossa opção pela literatura justifica-se à medida que acreditamos ser essa arte verbal uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento e aprofundamento da formação crítica do graduando, já que ela, como “objeto social” (LAJOLO, 1989, p. 17), contribui para o despertar de múltiplas reflexões acerca da experiência humana nas suas mais diferentes vertentes da sociedade. Associada à análise do conteúdo temático, devemos, como professores, despertar nos alunos a reflexão sobre a forma do texto literário, em que se buscará entender o motivo e os efeitos de sentido provocados pelo emprego peculiar da linguagem, fazendo com que ela seja transformada e intensificada, afastando-se, assim, da fala cotidiana. (EAGLETON, 2006, p. 3)

A escolha pelo espaço ficcional ocorreu, primeiro, ao percebermos que este é um elemento fundamental no conto da Lygia Fagundes Telles e, segundo, por esta ser uma categoria narrativa que, como dito acima, ainda hoje é colocada à margem no momento do estudo das obras literárias. Sendo assim, por meio deste trabalho, almejamos também romper

com a ideia de que o espaço ficcional é apenas um componente “secundário” dentro da narrativa. Portanto, partindo dessas premissas e buscando conjugar fruição estética à formação crítico-intelectual, desenvolvemos esta proposta, por meio do qual esperamos apresentar alguns caminhos possíveis que justifiquem e enfatizem a importância da análise literária que não faça hierarquizações analíticas, mas sim considere todas as categorias narrativas durante as aulas de análise de um texto literário.

Para fundamentar a nossa argumentação, utilizamos principalmente os estudos desenvolvidos por Lins (1976), Lotman (1978) e Bachelard (2000). Com isso, esperamos suscitar reflexões sobre de que maneira a construção artilosa do espaço ficcional contribui para a ampliação e intensificação de significados dentro do conto escolhido, procurando desmitificar, assim, a ideia de que esta categoria narrativa funciona apenas como “acessória” no texto ficcional. Dito isto, antes de partirmos para a proposta de análise, apresentaremos brevemente o conto escolhido.

Sobre o conto “Venha ver o pôr do sol”

Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr do sol mais lindo do mundo (TELLES, 2010, p. 136).

Escrito por Lygia Fagundes Telles em 1970, o conto “Venha ver o pôr do sol” está presente no volume intitulado *Antes do baile verde*. Narrado em 3ª pessoa, o enredo dessa narrativa apresenta-nos a história do encontro entre os ex-namorados Ricardo e Raquel. Ele, inconformado com a separação entre ambos e com a ideia de Raquel estar namorando outro homem, convida-a para um último passeio a dois e, após muita insistência, vê seu convite aceito. No entanto, o lugar escolhido por ele é pouco comum: um cemitério abandonado, espaço onde ele diz ter familiares enterrados e de onde seria possível ver o pôr do sol mais lindo do mundo, segundo suas palavras. Assim, persuadida por seu ex-namorado, Raquel, apesar de lhe parecer estranho encontrar-se naquele lugar, acaba concordando com esse passeio, que será o último para ela, já que Ricardo a trancará na tumba de sua suposta família, vingando-se, assim, de sua ex-namorada.

Com este perturbador e inesperado desfecho, o conto da escritora brasileira permite a sua análise sob as mais diferentes perspectivas, entre as quais escolhemos a construção do

espaço ficcional, que, na mencionada narrativa, ganha especial protagonismo ao revelar inúmeras pistas desde o princípio, como veremos abaixo, sobre a real intenção da personagem Ricardo ao solicitar o seu último encontro com Raquel naquele cemitério abandonado.

“Venha ver o pôr do sol” e o espaço ficcional: uma proposta de análise

Cientes de que o texto literário configura-se quase como uma fonte inesgotável de significações e interpretações, o que apresentamos aqui é apenas uma das muitas maneiras possíveis de introduzir o aluno no universo do estudo do espaço ficcional. Salientamos, ainda, que, para não nos estendermos muito, já que o objetivo é apontar um caminho somente, destacamos do conto apenas alguns fragmentos³. Dito isto, sigamos para a proposta.

Antes da aula de análise:

Como mencionado anteriormente, o público pensado para este trabalho é formado por estudantes do primeiro ou segundo semestre de Letras que estão cursando as disciplinas de “Introdução aos estudos literários” e/ou “Teoria da literatura”.

Para dinamizar o tempo de aula e possibilitar a ampliação do debate sobre o conto escolhido, sugerimos ao professor que solicite aos alunos a leitura prévia do conto, durante a qual eles destacarão os pontos que lhe parecerem fundamentais, principalmente no que diz respeito à construção do espaço ficcional.

Durante a aula de análise:

Primeiro, acreditamos que deva haver uma conversa rápida sobre a autora, sobre a edição em que foi publicada a narrativa, assim como sobre as linhas gerais do enredo da narrativa. Posteriormente, parece-nos pertinente perguntar aos alunos a respeito do sentimento deixado após o término de sua leitura. Após a fala deles, começa-se a análise efetivamente, momento em que o professor primeiro questiona os graduandos sobre determinados aspectos e, a partir das respostas obtidas, acrescenta o que for necessário, cujo intuito é o de ampliar reflexões.

Para começar, faz-se necessário explorar os possíveis sentidos gerados pelo título da narrativa. Com a vingança de Ricardo consumada, o que resultará na provável morte de

³ O conto completo encontra-se no anexo.

Raquel, o pôr do sol, a que se refere o título, ganha novo sentido: chegada da noite, da escuridão, ou se pensarmos no conto, a chegada da própria morte para a personagem feminina. Poderíamos pensar ainda que a própria Raquel representaria o sol e que Ricardo, a escuridão, ou seja, a vingança, o rancor. Nesse sentido, ao enterrá-la viva naquela tumba, é como se ela tivesse “se posto”, tivesse anoitecido.

Após a análise do título, é interessante que se dê especial atenção à cena de abertura do conto, que nos é descrita da seguinte maneira pelo narrador:

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde (TELLES, 2010, p. 135)⁴.

Após a descrição inicial, temos o seguinte diálogo entre as personagens:

Raquel: Veja que lama. [...] Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima. [...] E que é isso aí? Um cemitério? [...]
Narrador: Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.
Ricardo: Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram [...] (TELLES, 2010, p. 135-136).

Ao analisarmos ambos os fragmentos acima destacados, devemos colocar atenção em alguns aspectos, entre os quais está a imagem da subida “tortuosa” da personagem feminina até aquele lugar abandonado, repleto de lama, que, no contexto da narrativa, sugere-nos uma espécie de cruzar o umbral, em que Raquel parece deixar para trás um mundo conhecido, a cidade, marcado pela presença última das crianças que brincam às portas do cemitério, e entrasse num outro, onde o único rastro de vida está concebido na presença marcante da natureza selvagem.

Sobre o último excerto acima, é preciso salientar também a marcada reiteração de vocábulos que remetem à imagem da destruição, do abandono, do esquecimento (“velho, arruinado, carcomido, ferrugem, abandonado”), numa alusão, talvez, aos sentimentos experimentados por Ricardo após ser deixado por Raquel, sentimentos estes que o levarão a cometer o crime passional.

⁴ Grifos nossos.

A maneira personificada como nos é apresentada a natureza também nos chama a atenção. Conforme as personagens adentram naquele cemitério abandonado e a vingança de Ricardo está mais perto de se concretizar, a natureza passa de “mato rasteiro” (cena inicial) a algo que se torna mais vivo e selvagem, sendo, muitas vezes, descrita por meio de verbos, substantivos e adjetivos que trazem a carga semântica da ferocidade, conforme mostra o fragmento abaixo:

Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram [...] Vem comigo, [...] não tenha medo... O mato rasteiro dominava tudo. E, não satisfeito de ter se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrando-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com a sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte (TELLES, 2010, p. 137-138)⁵.

O uso desses termos (“dominava”, “furioso”, “invadira”, “violenta força”, etc), para narrar o espaço ficcional deve ser analisado, levando em consideração a personalidade de Ricardo, ou seja, é como se o espaço ficcional estivesse em consonância com o sentimento de vingança que Ricardo deseja levar a cabo contra Raquel.

Outro espaço narrado a ser estudado é a própria capela onde Ricardo diz estar enterrada a sua família e para onde ele leva Raquel. Abaixo reproduzimos a descrição dada pelo narrador:

Pararam diante de uma capelinha coberta de alto abaixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara sobre os ombros do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba. Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha (TELLES, 2010, p. 140-141).

Do trecho acima, pode-se destacar diversos elementos que reiteram o caminho analítico que viemos percorrendo até aqui. A imagem da natureza selvagem e personificada (“trepadeira selvagem”/ “furioso abraço”) é retomada, assim como os termos que remetem ao

⁵ Idem.

abandono/esquecimento (“enegrecidas”, “desmantelado”, “desbotado”, “farrapos”). Outra imagem que se deve explorar ainda é a da escada em forma de caracol pela qual Raquel desce até a catacumba, adentrando, numa espécie de catábase, no mundo dos mortos, de onde ela jamais sairá. Vejamos como nos é descrito o momento dessa entrada/descida:

Ricardo: Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? [...]

Narrador: Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semiobscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

Raquel: E lá embaixo?

Ricardo: Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó- murmurou ele (TELLES, 2010, p. 141)⁶.

Do excerto acima, destacamos a ambiguidade presente na fala de Ricardo ao fazer referência ao que Raquel gostaria de encontrar naquele ambiente. Ambiguidade esta que pode ser explorada a partir de duas vertentes. Primeira: ao dizer que a ex-namorada gostaria de encontrar o lugar limpo, com flores e velas, pode-se pensar, inicialmente, que se trata da construção de um espaço propício para o romance. Contudo, considerando que as personagens estão em um cemitério e o desfecho passional do conto, o leitor mais atento deve perceber que a segunda vertente de interpretação é a que prevalece, ou seja, tanto as flores e quanto as velas remetem à imagem de um velório, no caso, o da própria Raquel. Para reforçar esta ideia, ela é, inclusive, chamada, todo o tempo, por seu ex-namorado como “meu anjo”, vocativo que também carrega consigo um duplo sentido: por um lado, pode representar a maneira carinhosa como alguém trata uma pessoa ou pode, por outro lado, referir-se a alguém que desencarnou, ou seja, alguém que já morreu.

Ainda sobre o fragmento acima, não se pode deixar de analisar ainda com os alunos a carga semântica dos termos “semiobscuridade”, “estreito”, “cinzento”, todos elementos que reforçam a ideia de encerramento, de apagamento (pôr do sol) e da própria morte.

Para terminar nossas considerações, é preciso ressaltar, mais uma vez, a necessidade de se ampliar as reflexões sobre o conto de Lygia Fagundes Telles para além das considerações pontuadas neste exercício de análise. A maneira singular como é construída essa narrativa possibilita um enriquecedor debate sobre o tema do espaço ficcional, já que, todo o tempo, este elemento vai revelando, paulatinamente, indícios do trágico desfecho do

⁶ Ibidem.

conto. Outros temas também devem ser tratados com atenção, como o contexto de publicação da obra (ditadura militar) e a sua presença implícita no conto, o machismo imperante no Brasil, entre outros.

Dessa forma, por meio dessas reflexões, acreditamos ser possível capacitar o estudante de Letras a perceber o jogo narrativo presente no texto literário, sendo, portanto, papel do professor privilegiar o estudo das obras a partir de uma perspectiva que possibilite ao estudante “encontrar [nelas] um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência” (TODOROV, 2009, p. 33).

Considerações finais

Ao analisar o conto de Lygia Fagundes Telles, o aluno de Letras pode refletir de forma mais aprofundada de que maneira a artilosa construção do espaço ficcional faz com que esta categoria se torne parte essencial da narrativa ao se revelar como um elemento textual polissêmico, que é detentor e gerador de múltiplos sentidos, afinal:

O meio onde se move o herói de um romance ou de um drama, não se limita a contribuir para explicar o herói, suas origens espirituais, suas situações e reações. Ele emancipa-se (...) para ocupar, na hierarquia dos fatores, um posto mais elevado do que lhe seria assegurado pelo caráter de seu suporte, de atmosfera, de verdadeiro pano de fundo (HANKISS, Jeanm citado por LINS, 1976, p. 67-68).

Para concluir, se é verdade que o espaço ficcional não serve apenas como pano de fundo, conforme viemos argumentando ao longo deste artigo e conforme reforça Hankiss (1976), e se procede a afirmação de Bakhtin de que a linguagem “é essencialmente cronotópica” como a “forma interna da palavra (...)” (1993, p.356), negar a esta categoria narrativa o seu lugar de destaque na análise literária seria o mesmo que colocar a própria linguagem à margem, ou seja, desconsiderar a importância do espaço ficcional, relegando-o a segundo plano, seria o mesmo que renegar a própria literatura.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: A teoria do Romance*. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Unesp, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *Diretrizes Curriculares para os cursos de Letras*. Publicações MEC, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 25.abr.2016.

CÂNDIDO, Eunicéa de Oliveira Souto; PEREIRA, Helena B. C. (Orient.). *A figura feminina em contos de Lygia Fagundes Telles*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009. 99f.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

MATOS, Edinaldo Flauzino; MACHADO, Madalena Aparecida. Lygia Fagundes Telles: a outra face de Edgar Allan Poe na contemporaneidade. *Revista Athena*. Disponível em: <http://www.ppgel.com.br/Primeiro-Numero-Athena/LYGIA-FAGUNDES-TELLES-A-OUTRA-FACE-DE-EDGAR-ALLAN-POE-NA-CONTEMPORANEIDADE> Acesso: 20.mai.2016.

SANCHES NETO, Miguel. *O lugar da literatura*. Ensaios sobre inclusão literária. Londrina/PR: Eduel, 2013.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2007.

NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TODOROV, Tzevetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; PEREIRA, Helena B. C. (Orgs.). *Linguagens na sala de aula do ensino superior*. Niterói: Intertexto; São Paulo: Xamã, 2010.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho. *Autoridade docente no ensino superior: discussão e encaminhamento*. Niterói: Intertexto, São Paulo: Xamã, 2006.

RESUMEN

Este artículo tiene dos objetivos principales: 1) subrayar la importancia del análisis literario para la formación del estudiante de Letras, ya que, según nuestra percepción, este ejercicio contribuye para ampliar el repertorio crítico-intelectual del estudiante y 2) arrojar luz sobre una categoría narrativa que es relegada, en general, a un segundo plano durante las clases de literatura: el espacio de ficción. Para eso, vamos a utilizar como corpus de análisis de la historia "Venha ver o pôr do sol" (1970), de Lygia Fagundes Telles, narrativa que presenta un experto trabajo con el lenguaje al construir un espacio ficcional con muchas significaciones. El público a lo cual esta propuesta está pensada es el

estudiante de Letras que está cursando el primer año de facultad o las asignaturas "Introducción a los estudios literarios" o "Teoría de la Literatura". Esperamos, con eso, ampliar el alcance de los debates sobre el estudio del espacio de ficción, cuyo objetivo es contribuir para la desconstrucción de la idea de que esta categoría narrativa funciona solamente como un "accesorio" dentro del texto literario.
Palabras-clave: *Literatura. Espacio de ficción. Letras.*

Envio: Junho/2016
Aprovado para publicação: Julho/2016

ANEXO

VENHA VER O PÔR DO SOL

Lygia Fagundes Telles

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinados, tinham um jeito jovial de estudante.
– Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

– Vejamos que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do taxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele sorriu entre malicioso e ingênuo.

– Jamais, não é? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete-léguas, lembra?

– Foi para falar sobre isso que você me fez subir até aqui? – perguntou ela, guardando as luvas na bolsa. Tirou um cigarro. – Hein?!

– Ah, Raquel... – e ele tomou-a pelo braço rindo. – Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado. Juro que eu tinha que ver uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume. Então fiz mal?

– Podia ter escolhido um outro lugar, não? – Abrandara a voz – E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

– Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo – acrescentou, lançando um olhar às crianças rodando na sua ciranda.

Ela trouxe lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro. Sorriu. – Ricardo e suas ideias. E agora? Qual é o programa?

Brandamente ele a tomou pela cintura.

– Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr do sol mais lindo do mundo.

Ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada.

– Ver o pôr do sol Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério...

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

– Raquel minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura.

– E você acha que eu iria?

– Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudessemos conversar um instante numa rua afastada... - disse ele, aproximando-se mais.

Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento.

– Você fez bem em vir.

– Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

– Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

– Mas eu pago.

– Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico.

Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

– Foi um risco enorme Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero ver se alguma das suas fabulosas ideias vai me consertar a vida.

– Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado – prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos gemeram. – Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

– É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros.

– Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.

O mato rasteiro dominava tudo. E, não satisfeito de ter se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrando-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com a sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando vagarosamente pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos medalhões de retratos esmaltados.

– É imenso, hein? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, é deprimente – exclamou ela atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. - Vamos embora, Ricardo, chega.

– Ah, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da tarde, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade. Estou lhe dando um crepúsculo numa bandeja e você se queixa.

– Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre.

Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

– Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo.

– É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

– Ele é tão rico assim?

– Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro.

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

– Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra?

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

– Sabe Ricardo, acho que você é mesmo tantã... Mas, apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Palavra que, quando penso, não entendo até hoje como aguentei tanto, imagine um ano!

– É que você tinha lido *A dama das Camélias*, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora?

– Nenhum – respondeu ela, franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: – *À minha querida esposa, eternas saudades* – leu em voz baixa. Pois sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

– Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja- disse, apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda -, o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem

lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso. Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

– Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim – Deu-lhe um rápido beijo na face. – Chega Ricardo, quero ir embora.

– Mais alguns passos...

– Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! – Olhou para trás. – Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.

– A boa vida te deixou preguiçosa. Que feio – lamentou ele, impelindo-a para frente. – Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que se vê o pôr do sol. – Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

– Sua prima também?

– Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus.

– Vocês se amaram?

– Ela me amou. Foi a única criatura que... - Fez um gesto. – Enfim não tem importância.

Raquel tirou-lhe o cigarro, tragou e depois devolveu-o.

– Eu gostei de você, Ricardo.

– E eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?

Um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu

. – Esfriou, não? Vamos embora.

– Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.

Pararam diante de uma capelinha coberta de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara sobre os ombros do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba.

Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha.

– Que triste é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui?

Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu melancólico.

– Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da

minha dedicação, certo? Mas já disse que o que eu mais amo neste cemitério é precisamente esse abandono, esta solidão. As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semi-obscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

– E lá embaixo?

– Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó- murmurou ele.

Abriu a portinhola e desceu a escada. Aproximou-se de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la.

– A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

– Todas estas gavetas estão cheias?

– Cheias?... Sorriu. - Só as que têm o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe - prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado, embutido no centro da gaveta.

Ela cruzou os braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

– Vamos, Ricardo, vamos.

– Você está com medo?

– Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado:

– A priminha Maria Emília. Lembro-me até do dia em que tirou esse retrato. Foi umas duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e vejo-a se exhibir, estou bonita? Estou bonita?... - Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. - Não, não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

– Que frio que faz aqui. E que escuro, não estou enxergando...

Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

– Pegue, dá para ver muito bem... - Afastou-se para o lado. - Repare nos olhos.

– Mas estão tão desbotados, mal se vê que é uma moça... - Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. - Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil oitocentos e falecida... - Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel – Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti...

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso.

– Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso? Brincadeira mais cretina! exclamou ela, subindo rapidamente a escada. – Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

– Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! – ordenou, torcendo o trinco. - Detesto esse tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

– Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois, vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo. Ela sacudia a portinhola.

– Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente!- Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaiou um sorriso. – Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque.

– Boa noite, Raquel.

– Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... – gritou ela, estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo. - Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos!- exigiu, examinando a fechadura nova em folha. Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Esbugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando. – Não, não...

Voltado ainda para ela, ele chegara até a porta e abriu os braços. Foi puxando as duas folhas escancaradas.

– Boa noite, meu anjo.

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

– Não...

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrecrocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:

– NÃO!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora qualquer chamado. Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.

Lygia Fagundes Telles *In Antes do Baile Verde*. 1970.